

ROBERT MURPHY

• MANUAL •

POLITICAMENTE INCORRETO

do

Capitalismo

Tradução:
Nelma Ribeiro



Manual politicamente incorreto do capitalismo

Robert Murphy

1ª edição — janeiro de 2021 — CEDET

Título original: *The Politically Incorrect Guide to Capitalism*. Washington, DC: Regnery Publishing, 2007.

Copyright © 2007 by Robert P. Murphy

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Av. Comendador Aladino Selmi, 4630, Condomínio GR2 Campinas — Galpão 8

CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas-SP

Telefone: (19) 3249-0580

e-mail: livros@cedet.com.br

Editor:

Thomaz Perroni

Assistente editorial:

Verônica van Wijk Rezende

Tradução:

Nelma Ribeiro

Revisão:

Jonathas Ramos de Castro

Preparação de texto:

Letícia de Paula

Diagramação:

Thatyane Furtado

Capa:

Fernando Mena

Conselho editorial:

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Silvio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA

Murphy, Robert.

Manual politicamente incorreto do capitalismo / Robert Murphy; tradução de Nelma Ribeiro —
Campinas, sp: Vide Editorial, 2021.

ISBN: 978-65-87138-05-3

1. Capitalismo / Livre iniciativa. 2. Política econômica.

I. Título. II. Autor.

CDD — 330.122 / 330.9

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Capitalismo / Livre iniciativa — 330.122

2. Política econômica — 330.9

VIDE EDITORIAL — www.videeditorial.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

SUMÁRIO

QUIZ: VOCÊ É UM PORCO CAPITALISTA?	9
--	---

CAPÍTULO I:

Capitalismo, lucros e empreendedores	11
Afinal, o que é o capitalismo?	11
<i>Laissez-faire</i> versus regulação	12
Livres para morrer de fome?	13
Produção em massa para as massas.....	13
Planejamento centralizado <i>versus</i> “anarquia” da produção	14
Vencemos a Guerra Fria! Verdade?	16

CAPÍTULO II:

O preço é justo (por definição)	19
Preços são sinais	19
O grande escândalo da petrolífera	20
A gasolina está acabando....	22
Controle de aluguel (ou sobre como acabar com a vizinhança)	23

CAPÍTULO III:

Dores laborais	27
Jogadores de beisebol ganham mais que professores!	
Onde estão nossas prioridades?	27
Até CEOs incompetentes merecem ganhar uma bolada	29
Leis de combate ao trabalho infantil são desnecessárias	32
O salário-mínimo (ou sobre como gerar desemprego)	33
Sindicatos prejudicam trabalhadores.....	35
Poupe-me!.....	37

CAPÍTULO IV:

Contra as leis de combate à discriminação	39
O “preço” do racismo no livre mercado.....	39
Discriminação é prejudicial aos negócios	41
O cliente “discriminador”	41

Propriedade privada e liberdade de associação.....	43
Não há nada de “afirmativo” na ação afirmativa	44
Então, tudo corre às mil maravilhas?	46
CAPÍTULO V:	
Escravidão: produto do capitalismo ou do governo?	51
Governos protegem a escravidão.....	52
A escravidão em declínio antes da interferência estatal	53
Escravidão: Imoral, sim, mas também ineficaz!	53
O aumento de preço dos escravos	56
Se é tão ineficiente, por que a escravidão existiu?	57
CAPÍTULO VI:	
Como o capitalismo salvará o meio ambiente	59
Rinocerontes x vacas	60
Conservação para quem?	61
Atravessaremos a ponte quando nela chegarmos.....	62
A grande aposta: Ehrlich leva bomba.....	63
Reciclagem ou desperdício?.....	64
A poluição do governo ativista	67
CAPÍTULO VII:	
Segurança garantida: o mercado ou o grande irmão?	71
Não se pode ter tudo.....	72
Segurança de mercado	73
Os reguladores: fiadores de terceiros	75
Alguém é médico aqui?	78
Segurança: como levá-la às ruas	80
De boas intenções o inferno está cheio	82
CAPÍTULO VIII:	
Quitação de dívidas	87
Déficits não causam inflação	88
Déficits impedem o investimento privado.....	88
Aumentar impostos não é nada “responsável”	89
Um ônus para nossos netos?	89
O recorde de Reagan	90
O orçamento de Clinton	91

CAPÍTULO IX:

Economia monetária e o setor bancário	93
O escambo é uma barbaridade	94
Ninguém inventou o dinheiro	96
Somos da parte do governo e viemos ajudá-lo!	98
Imprimir mais dinheiro aumenta os preços	99
Noções bancárias	100
Bancos “selvagens”	102

CAPÍTULO X:

Dores do crescimento.....	105
O ciclo de negócios: cortesia do governo.....	106
O “progressista” Herbert Hoover	109
O <i>New Deal</i> não solucionou a Depressão	112
A Segunda Guerra Mundial nos tirou da Depressão?	114
O todo não é a soma das partes	115
O (governo) que gasta tem; o resto vive sem vintém.....	119

CAPÍTULO XI:

Pão e circo: o governo e seus programas populares.....	123
NASA: um perigo desnecessário	124
Espaço sideral: grande demais para a iniciativa privada?	126
Capitalistas: só pensam em dinheiro?	128
A guerra de Lyndon B. Johnson contra os contribuintes.....	129
A sacrossanta seguridade social	133

CAPÍTULO XII:

A administração do governo como uma empresa.....	135
Lucro <i>versus</i> burocracia	136
Amtrak	137
Como enlouquecer com o mau atendimento	139
Mas ao menos o serviço postal do governo é auto-suficiente! .	140
Concessionárias de serviços públicos	142
Mas não tentaram desregular o mercado de energia elétrica na Califórnia?	142
Congestionamento estatal	143

CAPÍTULO XIII:

Aos federais o monopólio das leis contra o monopólio	145
O mito dos capitalistas inescrupulosos.....	146
O infame caso da Standard Oil	148
Contra a lei antitruste	150
O caso Microsoft	152

CAPÍTULO XIV:

Guerras comerciais	155
Tarifas são impostos cobrados dos americanos	156
Proteção de postos de trabalho?	157
Sabedoria clássica	159
Desprezo pelo déficit.....	162
O déficit comercial: siga o dinheiro	164

CAPÍTULO XV:

Como ganhar dinheiro na aldeia global	167
A fabricação de uma crise	167
A terceirização elimina postos de trabalho?	169
A terceirização enriquece os Estados Unidos	171
O setor de alta tecnologia: outra falsa crise.....	173
A exportação de capital é de capital importância	175
Somos da parte do governo mundial e viemos ajudá-lo!.....	178

CAPÍTULO XVI:

A classe investidora: em outras palavras, você e eu.....	181
Juro: antes cedo do que tarde.....	182
A importância dos intermediários	183
O especulador perspicaz	185
Mercado futuro e outros derivativos: a cada qual segundo sua capacidade...	186
Os caçadores da grande empresa perdida.....	189
12 passos para entender o mercado	191

AGRADECIMENTOS	192
ÍNDICE REMISSIVO.....	193

Como o capitalismo salvará o meio ambiente

Entre todos os seus outros pecados, o sistema capitalista supostamente desperdiça recursos naturais e destrói a Mãe Terra. Os ativistas ambientais alegam que a ganância irrefreada do mercado acarretou a quase extinção do búfalo e que o interesse exclusivo das indústrias no resultado financeiro gera aquecimento global e chuva ácida. Não fossem as sábias (porém inadequadas) intervenções governamentais do passado, teríamos há muito amargado a escassez do alumínio usado em nossas latas de refrigerante, o que seria irrelevante, pois já estaríamos mortos devido ao colapso de alguma usina nuclear.

Na verdade, os alardes ambientalistas são absurdos. Como há de ser atestado por cientistas respeitáveis, a Terra não está à beira da destruição. Além disso, o livre mercado incentiva a sensata conservação e administração, enquanto políticas governamentais geram desperdício e poluição desnecessários.

ADIVINHA SÓ?!

 Mercados livres incentivam a preservação.

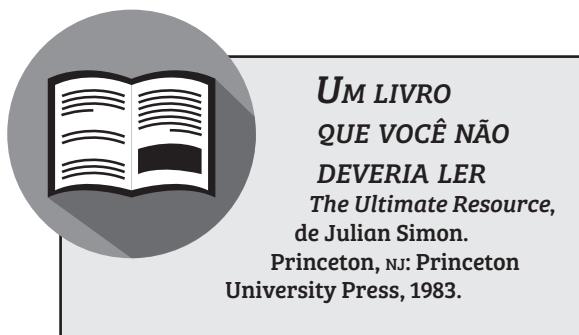
 A melhor maneira de salvar espécies ameaçadas de extinção é transformá-las em mercadorias.

 As reservas conhecidas de petróleo aumentaram durante o século XX.

 Países comunistas são os mais poluídos.

Rinocerontes x vacas

Os direitos sobre a propriedade privada incentivam as pessoas a economizar recursos para uso futuro muito mais do que qualquer regulamentação governamental. Pergunta relâmpago: qual a diferença entre águias-de-cabeça-branca, rinocerontes brancos e pandas gigantes, de um lado, e papagaios falantes, vacas leiteiras e cavalos de raça do outro? Resposta nº 1: todos os primeiros são espécies ameaçadas de extinção, enquanto a oferta dos demais é abundante. Resposta nº 2: é ilegal comercializar os primeiros, enquanto os demais são comprados e vendidos no mercado aberto.



Não se trata de uma coincidência. Quando detém direitos de propriedade de inequívocos e garantidos sobre um recurso reproduzível, o indivíduo é incentivado a garantir a continuidade da existência desse recurso. O governo não precisa autuar fazendeiros que estupidamente matam todas as vacas no momento em que há aumento dos preços da carne bovina; o absurdo seria algo tão inédito quanto um fazendeiro que comesse todas as sementes de milho.

Por outro lado, quando o governo — ou “o poder público” — detém um recurso, é como se ninguém o possuísse. Os governantes políticos das nações africanas têm pouco incentivo para reprimir caçadores ilegais, já que (de um modo geral) não se beneficiam pessoalmente da manutenção da população de rinocerontes e demais espécies ameaçadas. Por outro lado, nunca vemos comunicados de imprensa sobre roubo de gado serem emitidos pela World Conservation Union. Os donos dos animais cuidariam para que todos os candidatos a caçadores ilegais de vacas encarassem a justiça, no melhor estilo *Pra lá do fim do mundo*, de Larry McMurtry.

Conservação para quem?

Existe um estranho paradoxo na típica visão de mundo conservacionista. Repreendemos a geração atual por seu consumo egoísta dos recursos já escassos, como o petróleo e o gás natural; as idas às bombas de gasolina de hoje significam netos fazendo menos viagens de carro daqui a cinqüenta anos.

Mas espere aí... Suponha que levemos as palestras a sério e reduzamos o consumo de petróleo em um milhão de barris anuais. Isso significa que nossos netos consumirão muito mais? Se o fizessem, não estariam roubando petróleo dos netos *deles* — fato que ambientalistas não se furtariam a trazer à memória daqui a cinqüenta anos?

Quando se trata de recursos não-renováveis, todas as unidades consumidas são, em princípio, infinitamente caras, no sentido de que um número ilimitado de futuros seres humanos poderia ter se beneficiado delas, mas agora não terá a oportunidade. No entanto, pensar nesses termos resulta no absurdo de que ninguém jamais se beneficia do recurso; todo o petróleo ficaria inutilmente depositado no solo para sempre, porque todos se sentiriam culpados demais para queimar uma única gota.

LIMPOS PELO CAPITALISMO

“O mundo em que vivi meus primeiros anos de vida era um lugar fedido. Os odores predominantes eram de esterco de cavalo, suor humano e corpos sujos. Banhos diários eram um hábito que desconhecíamos; quando muito, havia o banho de sábado à noite.

Dentro de casa, o mofo contaminava o ambiente, permeado pelo cheiro agri-doce de lâmpadas de querosene e fogueiras de carvão. Era a época das carragens, da “casinha” e da sujeira. Dependendo do clima, tudo era empoeirado ou lamacento. Apenas algumas ruas urbanas eram pavimentadas, com paralelepípedos ou tijolos. Poças de lama, pavimentações onduladas ou estradas de toras de madeira eram os buracos da minha juventude.

Os automóveis já haviam sido inventados, é claro, mas eram poucos, artesanais e tão caros que apenas os ricos podiam pagar. Eu tinha quase dez anos quando o Modelo T começou a colocar os Estados Unidos sobre rodas. Não há dúvida de que Henry Ford contribuiu mais para a saúde pública que a maioria dos cientistas, introduzindo um automóvel de preço acessível, o que acabou por eliminar o esterco dos cavalos das ruas”.

— Dixy Lee Ray, *Trashing the Planet* [Sucateando o planeta].



Os direitos de propriedade privada e os preços de mercado dão a resposta para esse enigma. O proprietário de um campo de petróleo, mina de cobre ou outros recursos finitos extrai e vende a mercadoria ao preço que maximiza o atual valor de mercado do recurso. À medida que a oferta diminui, o preço aumenta, fato que incentiva o uso mais econômico e a busca de alternativas. As gerações futuras reivindicam (parte) do petróleo de hoje com o dinheiro que gastarão em gasolina. As petrolíferas não esquecerão de reservar um pouco de petróleo para o povo em 2025, assim como jamais esquecem de enviar petróleo ao povo de Boise, Idaho.

Atravessaremos a ponte quando lá chegarmos

Os avisos histéricos sobre o esgotamento de recursos ignoram o fato de que as empresas encontrarão novos suprimentos e desenvolverão tecnologias alternativas, mas tomarão a iniciativa somente quando for rentável para eles. Leva tempo e outros recursos igualmente escassos para localizar um novo campo de petróleo e avaliar sua provável capacidade. Por conseguinte, os humanos, não importa a época em que vivam, identificam apenas uma fração da oferta disponível de petróleo, gás natural e outros recursos não-renováveis, porque não há a necessidade de prospectarmos mais petróleo, visto que o estoque já encontrado durará décadas.



O DESPERDÍCIO DE RECURSOS “PÚBLICOS”: UMA TRAGÉDIA MUITO COMUM

Economistas descrevem o destino dos recursos de posse comunal como a “tragédia dos bens comuns”, título de um célebre artigo de autoria de Garrett Hardin. No original e autêntico exemplo de Hardin, antes dos grandes cercos de pastagens era hábito dos pastores permitir que seus animais pastassem por períodos superiores ao necessário à auto-recuperação das pastagens. Na modernidade, as águas dos lagos e córregos comunitários, atormentadas pela pesca intensiva, sofrem o flagelo da escassez de peixes que sustentam a população. Todos estão cientes do problema, mas inexistem incentivos que mudem o comportamento; mesmo que um pescador resolva limitar sua cota de peixes, isso não impedirá que o próximo pegue os peixes dos quais o primeiro abriu mão. A maneira de resolver a tragédia dos bens comuns é converter o recurso público em propriedade privada. Com corpos hídricos sob propriedade e administração particulares, a sobrepesca seria tão obsoleta quanto o excesso de pastagem.

O limite prático para a extração de recursos é uma restrição econômica, não técnica. Poços de petróleo e minas de cobre são abandonados muito antes do seu esgotamento, pois a extração até o último barril de petróleo ou onça de cobre não é compensatória. No entanto, à medida que são desenvolvidas novas tecnologias, é possível reduzir os custos de extração, multiplicando de forma eficaz as reservas de maior interesse econômico.

Contudo, se o governo interferir nos direitos de propriedade — isto é, se regulamentação estatal (controle de preços) ou ameaças (nacionalização) suscitar inseguranças no proprietário de um campo petrolífero no tocante aos seus direitos sobre o petróleo —, ele trabalhará para extraír e vender o petróleo o mais rápido possível visando auferir o máximo de lucro que conseguir. Se, por outro lado, o proprietário achar que seus direitos de propriedade estão bem resguardados, ele não terá pressa em extraír o petróleo, podendo decidir qual volume será o mais adequado em comparação com o capital que levantaria por meio de outros investimentos. Em outras palavras, interferir nos direitos de propriedade acelera a extração de petróleo.



**UM LIVRO
QUE VOCÊ NÃO
DEVERIA LER**
*Energy: The Master
Resource*, de Robert
L. Bradley Jr. e Richard
W. Fulmer. Dubuque, IA: Kendall/
Hunt Publishing Company, 2004.

A grande aposta: Ehrlich leva bomba

Quando se trata de alarmismo profissional, a precisão das previsões não é uma exigência do cargo. Ninguém ilustra melhor a tese do que Paul Ehrlich, autor do clássico *The Population Bomb*,¹¹ de 1968. Ehrlich escreveu que “a batalha para alimentar toda a humanidade acabou [...]. Nos anos de 1970 e 1980, centenas de milhares de pessoas morrerão de fome, não importando qual programa emergencial iniciemos agora”.

Julian Simon rejeitou sua tese, argumentando ser a mente humana o “recurso supremo”. Uma população em constante crescimento produziria mais gênios para resolver os problemas práticos da produção de alimentos

11 “A bomba populacional”, em tradução livre. — NT

A CONFIANÇA DE UM CAPITALISTA

Julian Simon estava tão confiante na eventual queda dos preços das mercadorias — de qualquer mercadoria —, que, de início, apostou com Paul Ehrlich 10 mil dólares em sua proposição. Ehrlich e seus colegas — incluindo dois físicos de Berkeley — alteraram a aposta para 1 mil dólares. Em outubro de 1990, Paul Ehrlich enviou a Julian Simon um cheque no valor de us\$ 576,07 para quitar a aposta.



e do aperto das moradias. A prova de Simon de que pessoas em maior número oferecem mais à sociedade do que tiram? À medida que a população cresce, o mesmo ocorre com os salários efetivos.

Por outro lado, outros recursos que não o trabalho humano tornar-se-iam menos importantes com o tempo, conforme calculados com base em

seus preços em queda (correção monetária). De fato, em 1980 Simon fizera uma famigerada aposta com Ehrlich: em 1980 eles precisariam em 1 mil dólares uma quantidade específica de cinco metais e em 1990 verificariam seu preço (atualizado). Se houvesse aumento no preço, Ehrlich venceria. Se o preço efetivo dos metais sofresse queda, Simon venceria. (O perdedor da aposta deveria enviar ao vencedor um cheque no mesmo valor que o da alteração no preço). Como se viu, os preços do cobre, cromo, níquel, estanho e tungstênio caíram tanto que, mesmo ignorando a inflação, Simon venceu a aposta. Outro fato interessante: Simon deixou que Ehrlich (com o auxílio de vários físicos) escolhesse os cinco metais da aposta.

Reciclagem ou desperdício?

Contrariando a retórica do Dia da Terra, a questão da reciclagem não é moral, mas econômica. Após um produto haver sido usado, se ele deverá ser recuperado e reciclado para fabricação de outro produto ou jogado no lixo não é simplesmente uma questão de química ou biologia. Antes de respondermos à pergunta de forma sensata, precisamos conhecer os preços de mercado concernentes. Após avaliar todos os aspectos, se for mais barato descartar o item usado e fabricar um novo a partir de materiais virgens, seria um verdadeiro desperdício reciclar o produto. Por outro lado, se as circunstâncias mudarem (talvez os

aterros sanitários atinjam sua capacidade ou o material virgem se esgotar), poderá fazer sentido dar início à reciclagem, mesmo que não se tenha recorrido a ela no passado.

O que importa dizer é que a “reciclagem” não foi uma invenção dos abraçadores de árvores.

Quem já trabalhou para uma grande empresa sabe que a reciclagem acontece o tempo todo, sem necessidade de empurrões do governo. As mercearias, por exemplo, lidam com um grande número de caixas de papelão. Em vez de simplesmente jogá-los fora, elas esmagam as caixas e depois as vendem (por peso) a outras empresas que estejam interessadas. As fábricas também recuperam metais e outras valiosas sucatas porque existem empresas que compram esse “lixo”, derretem-no e o reutilizam.

No entanto, esse processo tem limites. As empresas não reciclam tudo (e nem deveriam). Por exemplo, as etiquetas de remessa nas caixas que uma empresa recebe poderiam, em princípio, ser recicladas, mas não valeria a pena, mesmo que a reciclagem da caixa valesse. Quando a lâmpada de 60 watts da secretaria queima, não há problema em descartá-la, mesmo que não seja costume da empresa jogar fora as enormes lâmpadas fluorescentes usadas no andar de fábrica. Um exemplo extremo que ilustra bem o ponto a que queremos chegar: um escritório de advocacia pode ter lixeiras para as resmas de papel de computador usadas por sua equipe, mas certamente os funcionários receberiam a orientação para que jogassem fora lenços e papel higiênico usados!

O que acontece quando o governo impõe uma recompensa artificial pela reciclagem? Nesse caso, ele acaba distorcendo os verdadeiros sinais oferecidos pelos preços de mercado, fazendo, assim, com que as pessoas se comportem de maneira ineficiente. Por exemplo, na ausência de intervenção governamental, famílias não reciclariam latas de

RESERVAS DE PETRÓLEO: MENOS É MAIS



As reservas mundiais comprovadas de petróleo foram estimadas em 51 bilhões de barris ao final de 1944. Até 2002, após cinqüenta e oito anos de um consumo cego e desenfreado de gasolina, o número oficial de reservas comprovadas havia aumentado para 1.266 bilhões de barris em todo o mundo.¹²

¹² Robert Bradley, Jr., *Energy, the Master Resource*. Dubuque, IA: Kendall/Hunt Publishing Company, 2004, p. 88.

refrigerante ou cerveja, uma vez que o valor de mercado do alumínio aproveitável é muito baixo, não compensando o esforço de guardar as latas (possivelmente após lavá-las), colocá-las no carro e levá-las ao centro de reciclagem. Ao impor um depósito de cinco ou dez centavos, o governo faz a reciclagem valer a pena para muitas pessoas. Esse número, no entanto, é totalmente fictício, não representando o verdadeiro valor econômico do alumínio que se pode recuperar com uma lata. Então, em vez de atirar as latas no lixo — o resultado econômico —, temos a situação ridícula de milhões de famílias dedicando seu tempo a guardar latas e milhares de funcionários de supermercados tendo que lidar com as devoluções. Agora existem até máquinas especiais com o único objetivo de coletar latas e garrafas devolvidas; alguns modelos dessas “máquinas de coleta automática” podem custar mais de 35 mil dólares.



DESTA VEZ, É SÉRIO: O PETRÓLEO ESTÁ ACABANDO!

- Em 1885, o Geological Survey norte-americano afirmou que havia pouca ou nenhuma chance de descobrir petróleo na Califórnia.
- Em 1914, um funcionário do Bureau of Mines daquele país estimou a produção total futura em 5,7 bilhões de barris apenas. (Até 1984, mais de 34 bilhões de barris haviam sido produzidos).
- Em 1920, o diretor do Geological Survey norte-americano previu que os Estados Unidos haviam quase atingido o pico de produção. (Em 1948, a produção era quatro vezes superior à de 1920).
- Em 1939, o Departamento do Interior previu que o suprimento de petróleo dos Estados Unidos duraria treze anos.
- Em 1949, o secretário do interior previu que o fim do suprimento de petróleo dos Estados Unidos estava bem próximo.¹³

Se o desperdício e a estupidez desse cenário não são óbvios, o leitor deveria tentar um exemplo diferente. Suponha que o governo cobrasse um depósito no valor de 25 centavos sobre canetas esferográficas; quando as canetas secassem, o consumidor poderia devolvê-las com direito a reembolso integral. E que tal os selos de vedação que garantem

¹³ William M. Brown, “The Outlook for Future Petroleum Supplies”, em *The Resourceful Earth*, de Julian Simon e Herman Kahn, eds. Malden, MA: Blackwell, 1984, p. 362.



**UM LIVRO
QUE VOCÊ NÃO
DEVERIA LER**
*Environmental
Overkill: Whatever
Happened to Common
Sense?, de Dixy Lee Ray.
 Washington, DC: Regnery, 1993.*

a inviolabilidade de embalagens longa vida? E, tocando no assunto, o que falar das etiquetas de segurança plásticas e transparentes de novos estojos de CD ou DVD? O governo poderia acrescentar a elas um depósito de um dólar, incluindo mais uma prioridade à vida dos americanos e dando aos desabrigados mais um item para vasculharem nas latas de lixo.

Por fim, considere que lixo não tenha precificação de mercado. Se seus vizinhos perguntassem a você se poderiam descartar cascas de banana, filtros de café usados, fraldas sujas e calotas quebradas no terreno vazio de sua propriedade, localizado na periferia da cidade, você provavelmente cobraria pelo serviço, exatamente como faria um guarda-móveis. Quanto mais lixo o vizinho jogasse fora, mais você cobraria dele.

Mas ao recolher o seu lixo, a prefeitura não cobra o serviço por peso. Por mais que você reutilize, reduza e use fraldas de pano, pagará os mesmos impostos ao órgão sanitário que seu vizinho, que parece estar descartando cinco sacos de lixo por dia. Se você estivesse pagando por peso de lixo recolhido, talvez pensasse duas vezes antes de jogar fora uma jarra quebrada que poderia se tornar um simpático vasinho de planta.

A poluição do governo ativista

Alguns leitores poderão se surpreender ao saber que foi a intervenção governamental do final do século XIX e início do século XX (destinada a promover a “industrialização”) que anulou ações judiciais de turbação impetradas contra proprietários de fábricas e outros poluidores. Ao contrário da crença comum, o defensor do livre mercado não pensa que as empresas deveriam receber sinal verde para poluir. O termo “livre empresa” não subentende que uma grande empresa possa usar eletricidade ou outros recursos sem pagar por eles. Em uma sociedade com direitos de propriedade garantidos, qualquer industrial que despejasse produtos químicos em um rio teria que antes firmar acordos com os proprietários do rio.



**UM LIVRO
QUE VOCÊ NÃO
DEVERIA LER**
*Economics and
the Environment: A
Reconciliation [Economia
e meio ambiente: a reconciliação],*
ed. Walter Block. Vancouver: Fraser
Institute, 1990.

De qualquer forma, a histeria em torno do aquecimento global, buraco de ozônio e chuva ácida foi desmascarada inúmeras vezes por cientistas respeitados. (*Politically Incorrect Guide™ to Global Warming and Environmentalism* [O guia

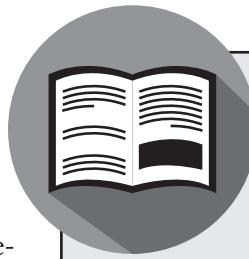
politicamente incorreto para o aquecimento global e ambientalismo]), de Christopher Horner, é um excelente ponto de partida.). Mas, para nossos propósitos, é importante observarmos que as economias capitalistas contribuem para ambientes mais limpos do que as socialistas. Se quisesse encontrar verdadeiras catástrofes ambientais, não olharia para os Estados Unidos nem para a Europa Ocidental, mas para os antigos países-membros da União Soviética e seu bloco oriental. Afinal, em contraponto ao falso susto da central nuclear de Three Mile Island, dezenas de pessoas realmente morreram no acidente com o reator nuclear de Chernobyl (embora, mesmo aqui, não necessariamente devido à radiação). Segundo Ruben Mnatsakanian, professor de ciências e políticas ambientais na Universidade Centro-Européia, em Budapeste:

As montanhas de resíduos sólidos e lagos de resíduos líquidos, próximos à maior parte das indústrias pesadas da Polônia, República Tcheca, antiga República Democrática Alemã, Ucrânia, Rússia, Cazaquistão, Estônia e outros países, são, provavelmente, o legado ambiental mais óbvio do antigo sistema [soviético]. O acúmulo de resíduos em lagoas abertas ou no solo (praticamente sem proteção contra percolação) era comum.

Fatos aterradores sobre a produção e o armazenamento de armas químicas na Rússia (mantidos em absoluto segredo durante o regime soviético) vieram à tona recentemente. Sete fábricas produziram armas químicas em cinco cidades — Berezniki, Chapayevsk, Dzerzhinsk, Volgogrado e Novocheboksarsk. As quatro últimas localizam-se às margens do Volga — o maior rio da Europa e fonte de água potável para milhões de pessoas. A produção, o teste e o armazenamento de armas químicas foram acompanhados de inúmeras violações das regras de segurança.

Entre 1990 e 1992 — antes de assinar a Convenção Internacional sobre Armas Químicas —, a Rússia anunciou que possuía 40 mil toneladas de substâncias venenosas, incluindo 32 mil toneladas de compostos orgânicos de fósforo.

Como este capítulo demonstrou, os ataques ambientalistas ao capitalismo estão completamente equivocados. Os preços de mercado promovem o perfeito equilíbrio entre reciclagem e lixo, ao contrário das campanhas arbitrárias do governo. Na prática, as economias capitalistas gozaram de uma estável melhoria na qualidade ambiental, enquanto governos totalitários foram os piores profanadores do planeta.



**UM LIVRO
QUE VOCÊ NÃO
DEVERIA LER**
*Trashing the Planet:
How Science Can Help
Us Deal with Acid Rain,
Depletion of the Ozone, and
Nuclear Waste (Among Other Things)*, de
Dixy Lee Ray. Nova York: Perennial, 1992.

